



Foto: Clara Nabuco, 2024

Prêmio ABA de Ensino de Antropologia
Categoria: “Melhor Trabalho de Ensino de Antropologia no Brasil”

**RELATÓRIO DE ATIVIDADE – PROJETO DE EXTENSÃO EM
ANTROPOLOGIA**

I – IDENTIFICAÇÃO

1. Nome da iniciativa indicada:

**Projeto de Extensão “Bioma Cerrado, conhecimentos tradicionais e diálogos
interepistêmicos”**

2. Instituição, organização, associação ou comunidade onde é desenvolvida:

O projeto de extensão é realizado pelo Programa de Pós-Graduação e curso de graduação em Antropologia, do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília ao lado e em parceria com comunidades de raizeiras e raizeiros do Cerrado - segmento dos Povos e Comunidades Tradicionais. Em especial, atuamos ao lado da Articulação Pacari- Rede socioambiental formada por comunidades de raizeiras e raizeiros do Cerrado, do Chá da Terra/São Sebastião-DF, Casa das Ervas/Pirenópolis-GO, Povoado Quilombola do Moinho/Alto Paraíso-GO, Quilombo São Domingos/Cavalcante-GO e Associação de Moradores da Vila de São Jorge/Alto Paraíso-GO.

O presente projeto de extensão foi contemplado com os editais:

- Edital 001/2024-SEMA/DPI, "Reflorestando a Universidade com Raizeiras e Raizeiros do Cerrado".
- Edital PROEXT-PG-UnB, iniciativa vinculada à CAPES.
- Edital Rede de Polo de extensão – Chapada dos Veadeiros do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília

3. Responsável pela inscrição:

Sílvia Maria Ferreira Guimarães

4. Cargo: Professora da Universidade de Brasília

5. Endereço eletrônico: guimaraes.silvia@gmail.com ou silviag@unb.br

6. Telefone: (061) 999598119

II. EQUIPE

Nome	Função na iniciativa	Formação/Titulação	Contato
Sílvia M. F. Guimarães	Coordenadora	Doutora/Antropologia	061.999598119
Welitania de Oliveira Rocha	Discente extensionista	Doutoranda/Antropologia Comunidade de Quebradeira de Coco	061.81871228
ARISTÉIA AVELINO DO NASCIMENTO SANTOS	Liderança comunitária/extensionista	Liderança Comunitária São Jorge/Alto Paraíso-GO	062.98161583
SIRLENE BARBOSA CORRÊA PASSOLD	Discente extensionista	Doutoranda/Antropologia Quilombola do Puri	038.91746518
ROSIENE FRANCISCO DOS SANTOS	Discente extensionista	Doutoranda/Antropologia Quilombola Kalunga	061.98346492
CLARICE CARVALHO MAUES	Discente extensionista	Graduanda/Antropologia	061.91573880
CLARA NABUCO DA FONSECA WULFF	Discente extensionista	Doutoranda/Antropologia	061.96339157
MELINA SOARES RODRIGUES	Extensionista	Mestre/Terapeuta em Pirenópolis	062.98160394
HENYO TRINDADE BARRETTO FILHO	Docente extensionista	Doutor /Antropologia	061.81516300
CARLOS ALEXANDRE BARBOZA PLINIO DOS SANTOS	Docente extensionista	Doutor /Antropologia	061.96555551
JANAINA DEANE DE ABREU SA DINIZ	Docente extensionista	Doutora /Engenheira de Alimentos	061.96926196
LUCELY MORAIS PIO	Raizeira do Cerrado/extensionista	Raizeira do Cerrado/Mestra em ciências ancestrais /Quilombola Cedro	064.99865855
MONICA NOGUEIRA	Docente extensionista	Doutora /Antropologia	061.81615502
MAYRA NASCIMENTO FONSECA	Discente extensionista	Doutoranda/Antropologia	011.986720007
JOALLYSSON DESTERRO BAYMA	Discente extensionista	Doutorando/Antropologia	098.89278674
STEPHANIE CAROLINE NASUTI	Docente extensionista	Doutora/Sustentabilidade	061.82732521
MARIA PAULA CALANZANI ROCHA	Discente extensionista	Mestranda em Antropologia	012.981611274
JÚLIA NABUCO DA FONSECA	Discente extensionista	Graduanda em Biologia	061.96839528
Ana Flora Drumond	Discente extensionista	Graduanda em Pedagogia/	062.81846042

Soares		Moradora do quilombo Moinho	
JOSEFA FRANCISCO GOMES ATAIDES	Raizeira do Cerrado/extensionista	Raizeira do Cerrado/ Mestra em ciências ancestrais	061.98449629
Deija Morais	Raizeira do Cerrado/extensionista	Raizeira do Cerrado/ Mestra em ciências ancestrais / Quilombola do Moinho	061.98141890
José Ilton Ferreira da Silv	Raizeiro do Cerrado/extensionista	Raizeiro do Cerrado/ Mestra em ciências ancestrais	062.93703598
Ytxaha Pankararau Braz	Discente extensionista/	Mestre em Sustentabilidade junto a Povos e Comunidades Tradicionais/ Indígena do Povos Pankararu (norte de MG)	033.99009914
Rodrigo Pereira dos Santos Kalunga	Discente extensionista	Graduando em Matemática Quilombola Kalunga	062.99535144
Marineide Pereira Moreira da Silva	Raizeira do Cerrado/extensionista	Raizeira do Cerrado/ Mestra em ciências ancestrais	062.93827799
Emílio dos Santos Rosa	Raizeiro do Cerrado/extensionista	Raizeiro do Cerrado/ Mestra em ciências ancestrais/ Quilombola Kalunga	062.98139126
Cecilia Gonçalves Dos Santos Dias	Raizeiro do Cerrado/extensionista	Raizeiro do Cerrado/ Mestra em ciências ancestrais/ Quilombola São Domingos	062.96603488
Geovania Gonçalves dos Santos	Raizeiro do Cerrado/extensionista	Raizeiro do Cerrado/ Mestra em ciências ancestrais/ Quilombola São Domingos	062.98537874

III. DESCRIÇÃO do projeto de extensão

Sobre o Projeto de extensão e o ensino em Antropologia

Este projeto de extensão foi criado a partir das interações que passamos a vivenciar com raizeiras e raizeiros do Cerrado durante a realização da pesquisa de patrimonialização do Ofício de Raizeiras e Raizeiros do Cerrado como bem cultural imaterial junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Nas interações que mantivemos com diversos coletivos, foram apresentadas demandas que poderiam ser dinamizadas por meio de ações de extensão. As demandas eram, por exemplo, documentar os saberes e fazeres do ofício de raizeiras – de acordo com a raizeira e quilombola do Cedro, Lucely Pio, agentes do Estado que, muitas vezes, não permitem

a atuação das raizeiras, fazem isso porque não as conhecem, por isso, para ela, é necessário dizer quem são as raizeiras e o que é ofício de raizeiras - ; produzir livretos sobre a histórias de vida das raizeiras; auxiliar na promoção de práticas culturais nas comunidades; fomentar encontros entre raizeiras; auxiliar na restauração do bioma; auxiliar na construção de viveiros; auxiliar na troca de mudas e semente entre as guardiãs e guardiões; promover ações no quintais – que denominamos “quintas do conhecimento” - documentar práticas tradicionais e festejos; potencializar atividades turísticas; auxiliar na construção de projetos pedagógicos nas escolas que incluam o encontro de saberes, dentre outras ações.

Assim, construímos este projeto de extensão, que reúne discentes de graduação e de pós-graduação em Antropologia, além de estudantes de outros cursos de graduação da Universidade de Brasília, bem como docentes da Antropologia e de outras áreas científicas. Teve início em 2024 e ainda está em vigor. Por conseguinte, a proposta visa estabelecer diálogos interepistêmicos entre guardiões e guardiãs das ciências ancestrais relacionadas ao bioma Cerrado e discentes e docentes dos cursos de graduação e pós-graduação em Antropologia da Universidade de Brasília.

O bioma Cerrado é vivido intensamente por comunidades indígenas, quilombolas e de periferias urbanas como um território de cuidado, de pertencimento e guarda de memória de coletivos que manejam o bioma tendo como referência o cuidado. Nesse sentido, este projeto visa potencializar conhecimentos tradicionais que permitem o manejo deste bioma, o qual se encontra ameaçado diante de planos governamentais e econômicos que ignoram a potencialidade desse. O processo de extinção vivido pelo Cerrado também é uma prática epistemicida dos conhecimentos tradicionais de povos e comunidades cerratenses. Esses conhecimentos se fizeram na interação com o conjunto de seres vivos, minerais, águas, humanos e mais que humanos que habitam o bioma. Guardiãs e guardiões de saberes ancestrais como raizeiras, benzedadeiras, parteiras, rezadeiras, veterinários tradicionais, botânicos tradicionais e outras/os cuidadoras/es, que atuam em comunidades do bioma Cerrado, estão vendo plantas, animais, águas se esvaírem conjuntamente com todo o conhecimento que dominam sobre o bioma assim como suas técnicas e práticas tradicionais que se relacionam com a vida no bioma. Essas/es mestras/es são figuras centrais no cuidado com a vida plena do Cerrado e das pessoas, de onde retiram medicamentos, alimentos e inspiração para a vida.

Enfatizar a centralidade dessas/es cuidadoras/res da vida de pessoas e do Cerrado é reconhecer sua presença atuante na conservação do bioma e, ao mesmo tempo,

complementando ações dos serviços de saúde, de educação e ambiental. Também são pensadoras/es, filósofas/os, que dinamizam epistemes que conectam conhecimentos sobre o Cerrado e sobre o cuidado com as pessoas. Em várias pesquisas que realizamos no Distrito Federal e municípios próximos ao DF (ver bibliografia nas referências), compreendemos a importância especialmente de raizeiras e raizeiros como detentoras/es de saberes tradicionais, como produtoras/es de conhecimento sobre o Cerrado, como lideranças que articulam a rede dos serviços de saúde e educacional no nível local, como tradutores das políticas de saúde e educação para as comunidades e como protagonistas no atendimento integral e eficaz, promovendo a saúde e educação da população. Essas guardiãs e guardiões criam processos formativos, de transmissão de conhecimentos ancestrais que divulgam epistemologias, formam crianças e jovens de forma inovadora e potente relacionando o vivido com a criação de um pensamento cuidadoso sobre o bioma e a vida em suas diversas dimensões. Por isso, o “cuidado” é palavra/prática central dessas/es que atuam na construção de relações sustentáveis e prósperas, não apenas de sobrevivência ou instrumentais, mas também na construção de projetos de vida, de formas de pensar, de ser e estar no mundo, de se posicionar em projetos de Bem Viver¹ ancoradas em epistemologias que englobam discussões sobre vida e o viver com justiça e dignidade. Dominam conhecimentos sobre as matas, águas, animais e minerais do Cerrado e projetos de bem viver. Dinamizam saberes localizados que apresentam uma perspectiva de atuação nas escolas, nos serviços de saúde e ambientais.

Dona Josefa, raizeira de São Sebastião/DF:

“Hoje, pela manhã, acordei pensando na pergunta que me fizeram ontem: o que é ser raizeira para você? Por que você é raizeira? Eu dormi com essa pergunta, pensando no que respondi: ser raizeira é ter responsabilidade com meu território, ter uma conexão com a terra, com a mãe-terra, é conhecer as propriedades das plantas, viver de forma natural, praticar a naturopatia, viver em conexão com o ser, tudo isso, para mim, é ser raizeira. Mas, hoje de manhã, eu lembrei novamente da pergunta e me veio a seguinte compreensão: ser raizeira é preservar o saber ancestral, é aquilo que recebi de graça,

¹ Importante definir, aqui, o conceito de “Bem Viver” indígena que é tão atingido pelo uso problemático de álcool e outras drogas entre as comunidades indígenas. De acordo com Alberto Acosta (2016), bem viver é um conceito-processo proveniente da matriz comunitária dos povos indígenas da América Latina. Encontramos esse conceito na vida e expressões, por exemplo, do povo quéchua como *sumak kawsay*, do povo aymara como *suma qamaña* e do povo guarani como *nhandereko*. Significa viver em interação e aprendendo com os vários sujeitos que compõem aquilo que o pensamento hegemônico moderno define como natureza. Questiona o conceito eurocêntrico de bem-estar e é uma proposta de luta contra a colonialidade do poder. Seguindo o argumento do intelectual indígena André Baniwa (2019), bem viver, para seu povo, se refere à possibilidade de viver em interação com a natureza a partir de uma perspectiva não destrutiva, mas com base em uma filosofia de vida que garanta a continuidade da vida da floresta, dos rios, dos diversos seres que habitam esses ambientes.

de compartilhamento, eu usar para mim, mas também usar com outro, compartilhar esse saber com outro. E aí dentro desse saber, desse compartilhamento, desse ser guardador desse saber, está tudo aquilo que respondi: que é a consciência com o território, que é cuidado com a terra, que é saber das propriedades das plantas, saber usar com responsabilidade, conhecendo as doses, sobre a toxicidade, fazendo extrativismo consciente e responsável, cultivando de maneira limpa, zelando por todos aqueles serzinhos que fazem parte da biodiversidade. Então, tudo isso está dentro desse contexto, que é ser guardião dos saberes ancestrais.”

Lucely Pio, quilombola do Cedro/Mineiros/GO

“Para mim, ser raizeira é uma herança que a gente recebe dos nosso antepassado, porque é uma forma de aprendizado que passa de geração pra geração, porque não existe uma pessoa falar assim, eu tenho 30 anos de conhecimento, eu vou ser raizeira ... porque o Cerrado é uma coisa muito complexa, são muito parecidas as plantas e pra definir essa planta, cê tem que ter um conhecimento, cê tem que ter uma vivência no Cerrado. Eu falo isso baseado por mim, porque desde os cinco anos de idade eu já ia pro Cerrado com a minha vó. Então, assim, eu aprendi a ser raizeira com ela. Então, foi herança que ela teve da mãe, da avó dela, mais a mãe dela, que hoje foi passado pra mim. Então, é uma herança que a gente recebe dos nossos mais velho e aí a gente dá continuidade.”²

Dona Cecília Gonçalves dos Santos, Comunidade Quilombola São Domingos/
Cavalcante/GO:

“Veja a natureza: quando chove, tudo o que estava seco revive, cada planta cresce e floresce no seu tempo. Essa mesma força que as plantas têm de se renovar, elas também passam para nós quando usamos elas do jeito certo. É assim: uma nova vida, sempre se renovando.”

Este projeto de extensão permitiu levar a sala de aula de disciplinas de graduação e pós-graduação em Antropologia ao espaço do Cerrado, permitiu levar as discussões a vivenciar a potencialidade epistêmica dos conhecimentos tradicionais na conservação do Cerrado e produção do cuidado. Para além da leitura, realizamos a interação da ciência Antropológica com as ciências ancestrais de comunidades quilombolas, indígenas e de periferias urbanas. O ensino em Antropologia passou a acontecer na interação e vivência das formas de atuar dos conhecimentos tradicionais que potencializam o bioma Cerrado.

Uma situação singular aconteceu quando passamos a vivenciar uma metodologia de pesquisa denominada “caminhadas experienciadas” (em anexo, Guimarães et al, no

² Relato em Oliveria, Daniel França. 2023. O compartilhamento do conhecimento de plantas medicinais de raizeiras do Cerrado: uma análise de processos de (re)(des)constituição a partir de interconexões assimétricas globais. Tese de Doutorado em Relações Internacionais, PUC-Rio.

prelo), que surgiu em meio à pedagogia das raizeiras e raizeiros, que acontecia quando caminhávamos com elas pelos quintais, matas, matos do Cerrado.

Essas mulheres e homens trazem o movimento como prática pedagógica e a necessidade de inserir as pessoas que estão ali para ouvir e aprender sobre o ofício. Como herdeiras de um saber e buscando aliadas/os para valorizá-lo, essas mulheres e homens ensinam sobre o poder das plantas, sobre a importância do bioma e sua potência em curar e cuidar da vida. Nesse sentido, fomos inseridas na prática da “caminhada experienciada”, quando as raizeiras e raizeiros, para falar/ensinar sobre o ofício, nos levam a se deslocar até às matas e quintais repletos de plantas medicinais e alimentares. Essa “caminhada experienciada” consiste em percorrer determinado percurso sendo guiadas por elas ao lado de seres do Cerrado. As matas e quintais passam a ser espaços pedagógicos que permitem que o conhecimento prático, apreendido com a experiência e vivência, sejam transmitidos pela via da oralidade, mas também por meio de uma prática experienciada, que reúne caminhar, sentir, cheirar, degustar, tocar. Essas caminhadas percorrem determinados percursos, já conhecidos por essas raizeiras e raizeiros, quando conhecimentos são transmitidos. Não são conhecimentos que podem ser repassados de maneira estática e em tempo linear, como é aprendido na maneira hegemônica e ocidental de educar. Vivenciamos caminhadas por alguns quintais e matas da região Cerrado com diversas raizeiras e raizeiros. Essa prática pedagógica acabou por se tornar uma técnica de pesquisa que denominamos de “caminhadas experienciadas”, que envolveu dialogar sobre o bioma, conhecer o ofício e as histórias sobre o bioma e as plantas e sobre como se formar como raizeira e raizeiro ao caminhar com elas pelos quintais e matas do Cerrado, assim levantamos informações sobre o encontro com as plantas, as interações com o bioma, além de senti-lo por todos os sentidos.

Brandão (2007), fala sobre envolver o conhecimento dos sujeitos e membros das comunidades na pesquisa em ação, gerando participação. Isso convoca os saberes e realidades dos sujeitos em questão, gerando uma construção própria da realidade local. Esse modo de operar e trocar conhecimento, propõe o pensamento sobre educação a partir do cotidiano das pessoas, sua cultura, seus modos de viver e morar, seus saberes, proporcionando trocas, aprendizados, alianças e resistências. Assim, na verdade, é uma educação em Antropologia que se constrói fora do ambiente acadêmico, em movimento e circularidade com a realidade e ambiente do Cerrado e dos quintais.

O saber-fazer científico das raizeiras e raizeiros é permeado pelo modo de produção de saúde e educação contra-hegemônico. Ao se coletar uma planta na mata ou

no quintal para produzir um remédio, por meio de chá, banho ou garrafada, mobiliza-se um saber que é próprio do imaginário popular, que contrapõe os modos e práticas oficiais. Além disso, agrega o movimento do caminhar-sentir pelos quintais e matas do Cerrado.

Esse formato e prática de ensino que propõe as raizeiras, é geradora e propulsora de novos mestres na comunidade, gerando um saber que circula, se transforma e não cristaliza. Nem fica preso a um passado que o coloca em desuso, em descontinuidade, em uma sociedade que prioriza os modos de produção hegemônicos. Tais formatos são inspiradores quando pensamos em modos de repassar o conhecimento. Sendo inspiração para práticas de educação popular, que leva em conta diversos saberes e modos de vida, experiências, e suas “leituras de mundo”, como propôs Paulo Freire (2014, p.79). Sendo fundamental que se expanda a leitura de mundo da Antropologia em amplos e novos formatos.

O Cerrado abrigando a Universidade de Brasília

Dona Josefa, raizeira de São Sebastião/DF

“Cada um tem um nome que foi dado por alguém, e lembro dessa pessoa e honro meu passado, quem eu sou, meu nome é meu pertencimento. E onde vivo, no Cerrado, estamos todas aqui a no Cerrado, e eu cuido de mim, da minha casa e devo cuidar da minha casa que é o Cerrado. “

Em uma roda de conversa na Universidade de Brasília, Dona Josefa, chama atenção para o território tradicional das raizeiras que abriga a UnB. E assim, ela convoca todas e todos a cuidarem dessa casa, que é o Cerrado. Realizar este projeto de extensão e contar com o apoio das raizeiras e raizeiros que recebem a Universidade em suas casas e nos encontram na UnB, é um chamado político para defender o bioma e os povos e comunidades tradicionais que vivem neste bioma.

Os povos cerratenses, como as raizeiras e os raizeiros do Cerrado, vivem nesse bioma há mais de doze mil anos, convivendo de forma sustentável e promovendo transformações vivas no território. Atualmente, estão presentes mais de 80 etnias indígenas, além de quilombolas, trabalhadoras e trabalhadores do campo, extrativistas, geraizeiros, vazanteiros, quebradeiras de coco, ribeirinhos, pescadores artesanais, barranqueiros, povos de fundo e fecho de pasto, sertanejos, ciganos, entre tantos outros.

Esses grupos representam a sociobiodiversidade, na condição de conhecedores(as) e guardiões(ãs) do patrimônio ecológico e cultural da região. São povos e comunidades de cultura ancestral que vivem, principalmente, do extrativismo, do artesanato e da agricultura familiar. Seus modos de vida constituem importantes aliados na conservação do bioma, pois conformam paisagens produtivas que asseguram a continuidade de funções ambientais vitais do Cerrado, como a manutenção da biodiversidade e dos ciclos hidrológicos.

O Cerrado ocupa cerca de 24% do território nacional e é considerado a savana mais biodiversa do mundo, concentrando aproximadamente 5% da biodiversidade do planeta. Está presente em doze unidades da federação — Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Bahia, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Piauí, São Paulo, Paraná, Rondônia e o Distrito Federal — onde vivem cerca de 25 milhões de pessoas, distribuídas em aproximadamente 1.330 municípios.

Conhecido como o “berço das águas”, o Cerrado abriga oito das doze regiões hidrográficas brasileiras e abastece seis das oito grandes bacias hidrográficas do país (Amazônica, Araguaia/Tocantins, Atlântico Norte/Nordeste, São Francisco, Atlântico Leste e Paraná/Paraguai). De acordo com a Rede Cerrado, existem cerca de 10 mil espécies de plantas no bioma, das quais aproximadamente 44% são endêmicas, além de uma fauna extremamente diversa, com cerca de 250 espécies de mamíferos, 856 de aves, 800 de peixes, 262 de répteis e 204 de anfíbios.

Apesar de sua relevância ecológica e sociocultural, o segundo maior bioma brasileiro encontra-se sob intensa pressão, sendo ainda pouco reconhecido e protegido em âmbito nacional. Grandes áreas têm sido rapidamente convertidas em monoculturas, pastagens e zonas urbanas. A devastação da cobertura vegetal do Cerrado já alcança cerca de 52% de seu território, comprometendo nascentes, rios e riachos, além de impactar diretamente os povos que nele vivem.

Esse valor socio-bio-diverso do Cerrado encontra-se ameaçado. O modelo de desenvolvimento predominante no bioma destrói sua vegetação, compromete seus recursos hídricos e leva à extinção de espécies animais. Paralelamente, promove processos de epistemicídio e ameaça a continuidade dos modos de vida de povos e comunidades tradicionais. As comunidades que ali vivem, as águas que dali nascem, as plantas que emergem e se enraízam no solo e a vida animal que ali se manifesta demandam, cada vez mais, cuidado e atenção para sua continuidade.

Neste sentido, este projeto visa, especialmente, valorizar e potencializar os conhecimentos produzidos pelos guardiões e guardiãs dos saberes ancestrais relativos ao bioma, que cuidam desse, assim como o bioma cuida deles/as. Estabelecer diálogos interespidêmicos entre esses/essas guardiãs e docentes, discentes da universidade, buscando apoiá-las/os na defesa da vida do bioma é ação central para esta proposta.

As raizeiras e raizeiros do Cerrado têm no território tradicional do Cerrado um elemento central para a construção da identidade desses coletivos, pois a referência ao lugar de origem ou de pertencimento tem grande importância, está na raiz da formulação coletiva de grande parte das identidades (Nogueira, 2009: 126). As raizeiras e os raizeiros vivem em estreita interação com o território e buscam evitar grandes transformações em seu meio ambiente, uma vez que mantêm com ele um vínculo profundo de subsistência, construído ao longo de centenas de anos, durante os quais aprenderam a conviver com seus desafios.

De acordo com Guimarães et. al (2023: 147), as raizeiras e raizeiros do Cerrado:

“(...) são figuras centrais no cuidado com a vida plena das pessoas e ao mesmo tempo cuidam do bioma Cerrado, de onde retiram remédios e alimentos para o cuidado com a vida. São herdeiras de conhecimentos ancestrais, nos termos de Hampate Bâ (2010), dinamizando uma “tradição viva”, que se corporifica na terapeuta, por onde fluem saberes ancestrais. Fazem parte da classe popular, trabalhadora, de áreas rurais ou peri-urbanas da região ... (do Cerrado).”

As guardiãs e os guardiões desse ofício tradicional são também guardiãs de suas sementes, envolvem-se em áreas de reflorestamento, criam viveiros onde produzem mudas como observamos Geovania, quilombola e raizeira de Cavalcante/GO, e Lucely Pio, quilombola e raizeira do Mineiros/GO, realizarem. Essas ações nos levaram a vincular essa perspectiva de guardiãs de sementes com ações de recuperação e restauração de áreas verdes em centros urbanos, no caso, fizemos ações de plantio na Universidade de Brasília, pois a universidade se liga, interage com o bioma, o qual segue em destruição constante.

As raizeiras entendem que essa recuperação e restauração de áreas urbanas, tornando-as mais verdes com plantas e árvores do Cerrado e não somente gramados, criam vínculos de cuidado com o bioma. Nesse sentido, uma das ações de extensão foi fazer plantio de mudas de árvores e ervas medicinais do Cerrado em áreas verdes no

campus da UnB. Esse foi um elemento importante, tanto na criação dessa rede de cuidado com o bioma quanto como prática pedagógica para a comunidade universitária. Ponto central foi levantar o debate sobre a potencialidade do bioma, que é usado pelos povos e comunidades tradicionais como fonte de cura, quando se torna remédios caseiros e alimento.

IV. METODOLOGIA e atividades desenvolvidas até o momento

Organizamos diversas atividades na Universidade de Brasília e nas comunidades que serão pontuadas aqui, assim, iremos trazer a metodologia vinculada à atividade, seguindo a trilha de atividades por onde fomos guiadas pelas raizeiras e raizeiros do Cerrado no ANEXO I. As atividades se iniciaram nos territórios tradicionais do Cerrado e nos quintais das raizeiras. Desses locais, as plantas, juntamente com as raizeiras e os raizeiros, seguiram para a Universidade de Brasília. Como desdobramento, elaboramos uma atividade especial, que foi a criação do Jardim das Raizeiras do Cerrado na UnB. O passo a passo, ou a trilha que seguimos para a criação deste Jardim, será apresentado no ANEXO I, assim como outras atividades. Para a organização dessas atividades contamos com o apoio de docentes, discentes (graduação e pós-graduação) da UnB, além das raizeiras e raizeiros

Assim, como público-alvo desta ação, contamos com as raizeiras e raizeiros que tiveram espaço de diálogo e divulgação da importância do seu ofício; e a comunidade universitária (docentes, discentes e pessoas externas à UnB).

Como impacto educacional com repercussões socioambientais importante contamos com a mobilização da comunidade acadêmica que a refletir sobre a Antropologia em outro contexto, sobre a relevância do bioma Cerrado e sobre como áreas verdes urbanas se conectam com o bioma e devem manter essa interação sustentável com o bioma. Como nos alertou Tantina, raizeira da área metropolitana de Belo Horizonte, quando visitou a esplanada dos Ministérios em Brasília e estranhou ter somente gramado e nenhuma árvore do Cerrado, que era importante ter árvores e gramíneas do bioma presente para mostrar a importância do Cerrado, especialmente na capital que foi erguida no bioma Cerrado.

Nesse sentido, há um movimento de raizeiras e raizeiros do Cerrado conjuntamente com demais povos e comunidades tradicionais do Cerrado para incluir o bioma no parágrafo 4º do artigo 225 da Constituição Federal que prevê proteção especial a algumas regiões e alguns biomas do país: o Pantanal Mato-grossense, a Floresta Amazônica, a Mata Atlântica, a Serra do Mar e a Zona Costeira. Esses são definidos como patrimônio nacional, e sua utilização depende de condições especiais de exploração. A luta dos povos cerratenses é por ter o bioma Cerrado incluído nesse dispositivo constitucional.

Para as atividades, utilizamos os seguintes caminhos metodológicos: “caminhadas experienciadas” (Guimarães et al., no prelo); “rodas de conversa” (Guimarães et al., 2023) e “oficinas” (Guimarães et al., 2023). Essas práticas metodológicas envolvem um conjunto de trocas de experiências, conversas, discussões e compartilhamento de conhecimentos entre as pessoas envolvidas (Guimarães et al., 2015).

As “rodas de conversa”, que criam, a partir de um desenho metodológico, ambiências singulares, constituem-se como uma metodologia utilizada em ações comunitárias voltadas a fomentar debates sobre determinadas temáticas, criando espaços de diálogo nos quais as pessoas possam se expressar e, sobretudo, escutar os outros e a si mesmas (Nascimento e Silva, 2009; Guimarães et al., 2023). Têm como principal objetivo promover a construção da autonomia por meio da problematização, da socialização de saberes e da reflexão orientada para a ação.

As “oficinas” configuram-se como uma estratégia de ensino-aprendizagem baseada no princípio do “aprender fazendo”. Nelas, o conhecimento não é apenas transmitido por uma pessoa, mas construído por meio da ação direta dos participantes sobre um objeto ou tema (Guimarães et al., 2015). Estão fundamentadas na participação ativa, na troca de saberes e na construção coletiva do conhecimento.

As “caminhadas experienciadas” (Guimarães et al., no prelo) constituem uma técnica de pesquisa na qual, ao realizar uma caminhada no Cerrado, promove-se o diálogo, o levantamento de histórias e relações, bem como a observação de plantas, animais, minerais e da água. Trata-se de um modo de sentir o Cerrado e, ao mesmo tempo, produzir narrativas sobre os ofícios tradicionais vinculados ao bioma e às suas histórias.

VI. RESULTADOS E AVALIAÇÃO

Os resultados foram muitos, principalmente, podemos enfatizar a presença das raizeiras, suas falas e práticas de vínculo com o bioma na Universidade de Brasília. Além

disso, as aulas foram dinamizadas e estudantes construíram artigos científicos, artigos e apresentaram em congressos suas experiências. Citamos, aqui, alguns:

1. GUIMARÃES, S., RODRIGUES, M.; Fonseca, C. Caminhas experienciadas pelos quintais, matas e matos: a emergência de uma técnica de pesquisa em interação com raizeiras do Cerrado. IN: ÁVILA, C; & ARÉVALO, A. Métodos y Técnicas de Investigación en contextos de alta vulnerabilidade político-social: validez, confiabilidad y pertinencia, vol. 4. Editora: Clacso, no prelo.
2. Andrade FR, Carvalho ALO, Gonçalves AD, Silva AKA, Souza JM, Guimarães SMF. Raizeiras do Cerrado na universidade e a formação para o Sistema Único de Saúde. Saúde em Debate, (no prelo)
3. Publicado - Revista Temporis(ação), v.25, n.02 (2025) - Dossiê VI Encontro de pesquisas-diálogos saberes e fazeres quilombolas Kalungas. SANTOS, Rodrigo; SANTOS, Carlos; GUIMARÃES, Sílvia. “O OFÍCIO DE RAIZEIRAS E RAIZEIROS DO CERRADO NO QUILOMBO KALUNGA: CONHECIMENTO, CUIDADO E MEMÓRIA”.
4. ARRUDA, A. ; GUIMARÃES, SÍLVIA . Mesa de diálogo - Reconhecimento das Medicinas Tradicionais como bens culturais e imateriais do Brasil. 2026. (Apresentação de Trabalho/Seminário).
5. SOUZA, J. ; GONCALVES, A. ; CARVALHO, A. L. ; SILVA, A. ; OLIVEIRA, I. ; SANTOS, G. ; LIMA, E. ; ANDRADE, F. ; GUIMARÃES, SÍLVIA . PET Saúde Equidade e a Pedagogia das Raizeiras e Raizeiros do Cerrado. 2025. (Apresentação de Trabalho/Congresso 14º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva.
6. MAUES, C. ; SOARES, A. F. D. ; RODRIGUES, M. S. ; GUIMARÃES, S. . Raizeiras e Raizeiros do Cerrado e os quintais do conhecimento. 2024. (Apresentação de Trabalho/Congresso Internacional de Povos e Comunidades Tradicionais).
7. GUIMARÃES, S.; RODRIGUES, M. S. . As caminhadas pelo bioma Cerrado como prática pedagógica de raizeiras e raizeiros do Cerrado. 2024. (Apresentação de Trabalho/Congresso IV Narrativas Interculturais, decoloniais e antirracistas em educação: por equidade, justiça e bem-viver.

Também foi ministrada, até o momento, uma disciplina por semestre que dialoga com as ações de extensão e permite aos estudantes terem interações com as raizeiras. No ano de 2024, foram ministradas quatro disciplinas de Introdução à Antropologia e, no ano de 2025, duas disciplinas na Pós-Graduação: uma de Escrita Etnográfica e outra de Medicinas Indígenas e Tradicionais. Essas disciplinas da Pós-Graduação também contaram com interações com o universo das raizeiras e raizeiros.

Com relação à avaliação, é importante ressaltar que este tipo de atividade só é possível acontecer com recurso, as raizeiras e raizeiros precisam ser remunerados e há o custo das viagens para os territórios. Isso é um fator limitante para construir essa dinâmica de atividade.

Referências (Relatório e Anexo I)

ANJOS, Thalita Gomes dos. 2013. A bençãoterapêutica: vivência de um campo relacional. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Saúde Coletiva, Universidade de Brasília.

BARBOSA, C. 2016. Estratégias de cuidado criadas por mulheres diagnosticadas com câncer. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Saúde Coletiva) - Universidade de Brasília.

BORGES, Marlon. Saúde do homem nas práticas de cuidado de terapeutas populares na Ceilândia. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Saúde Coletiva) - Universidade de Brasília.

ACOSTA, A. *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Elefante, 2016.

BANIWA, A. F. *Bem Viver e Viver Bem: segundo o povo Baniwa no noroeste amazônico brasileiro*. Curitiba: Editora UFPR, 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Educação Popular. Editora Brasiliense. São Paulo. Coleção Primeiros Passos. Disponível em: <https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/ee3ade27-7263-444c-8361-88b1a23fb605/content>. Acesso 19 de Agosto de 2024.

BRITO, P. 2014. Experiências na gestação e parto em contexto popular. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Saúde Coletiva) -Universidade de Brasília.

CAMPOS, Tamara Correia Alves. 2013. Conhecimento Popular de Dona Flor, raizeira e parteira: efetivando a perspectiva integralizadora do cuidado ao sujeito. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Saúde Coletiva, Universidade de Brasília.

CARDOSO, Ítala Lopes. 2013. O Saber-Fazer de parteiras populares no entorno do DF. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Saúde Coletiva, Universidade de Brasília.

CARDOSO, I. 2017. Entre narrativas biográficas: a vida de diaristas no trabalhodoméstico. Dissertação (Mestrado em Pós-Graduação. em Ciências e Tecnologias em Saúde) -Universidade de Brasília.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 49 ed- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GUIMARÃES, S.; ROSA, J. C. S. ; VASCONCELOS, J. P. R. ; ANDRADE, F. R. Por entre sociabilidades diversas: experiências de um projeto de extensão na saúde indígena. *Participação*, v. 27, p. 27-35, 2015

GUIMARÃES, S.; MAUÉS, C.; FONSECA, C.; FONSECA, J.; ROCHA, W.; PASSOLD, S.; SANTOS, R. Terapeutas Populares ou Tradicionais e o cuidado com as pessoas e o Cerrado: ações de extensão. *Participação*, [S. l.], v. 1, n. 40, p. 146–158,

2023. DOI: 10.26512/2238-6963202351286. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/participacao/article/view/51286>. Acesso em: 29 abr. 2026.

GUIMARÃES, S., RODRIGUES, M.; Fonseca, C. Caminhas experienciadas pelos quintais, matas e matos: a emergência de uma técnica de pesquisa em interação com raizeiras do Cerrado. IN: ÁVILA, C; & ARÉVALO, A. Métodos y Técnicas de Investigación en contextos de alta vulnerabilidade político-social: validez, confiabilidad y pertinência, vol. 4. Editora: Clacso, no prelo.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1986 [1950]. “O uso das plantas silvestres da América do Sul tropical”. In Ribeiro, Darcy; Ribeiro, Berta G. (orgs.) *Suma Etnológica Brasileira. Vol. 1: Etnobiologia*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: FINEP. pp. 27-46.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Pensamento Selvagem*. SP: Papirus, 1989

LÉVI-STRAUSS, C. e Eribon, D. 2005. De Perto e de Longe (capítulo 11). São Paulo: Cosac Naify.

MARECO, T. 2014. Acionando a terapia popular no círculo familiar na região de Ceilândia e Taguatinga (DF). Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Saúde Coletiva) - Universidade de Brasília.

MARECO, T. 2017. Gênero e cuidado no ambiente familiar. Dissertação (Mestrado em Pós Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde) - Universidade de Brasília.

MÁXIMO, Mariana Torres. 2013. Por entre espaços e temporalidades: corpo, memória, história de vida de uma benzedeira. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Saúde Coletiva, Universidade de Brasília.

MILITÃO, Lorena. 2013. O ato de partear compondo uma história de vida. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Saúde Coletiva, Universidade de Brasília. RIBEIRO, A. 2015. Dilemas na construção e efetivação da política nacional e distrital de práticas Integrativas e complementares em saúde. Dissertação de mestrado, Programa de Pós Graduação em Ciências e Tecnologias de Saúde, FCE-UnB

NASCIMENTO, M. A.; SILVA, C. Rodas de conversas e oficinas temáticas: experiências metodológicas de ensino-aprendizagem em geografia. In: 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, Porto Alegre, ago. – set., 2009.

FERREIRA, S. 2015. Concepções sobre processos de saúde-adoecimento no contexto da Umbanda. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Saúde Coletiva) - Universidade de Brasília.

RODRIGUES, Melina Soares. Benzedeiras e Raizeiras: entre novas e velhas práticas. 2018. Dissertação (Mestrado em Pós-Graduação. em Ciências e Tecnologias em Saúde) - Universidade de Brasília, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

SILVA, Ludmila Santos. 2013. O viver e o cuidar a partir das percepções e experiências da comunidade: itinerários terapêuticos da Vila Esperança de Águas Lindas de Goiás-GO. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Saúde Coletiva, Universidade de Brasília.

SILVA, L.2017. O acesso aos serviços de saúde em Águas Lindas de Goiás / GO: vivências e percepções da Vila Esperança nos espaços de saúde de média e alta complexidade. Dissertação (Mestrado em Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde) - Universidade de Brasília.

SILVA, S. 2016. Experiências na Sahaja Yoga: uma análise das práticas integrativas e complementares. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Saúde Coletiva) - Universidade de Brasília.

SOARES, Priscila Carvalho. 2011. Religião e cura: a biografia de um profeta. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Saúde Coletiva, Universidade de Brasília.

VASCONCELOS, J. P. 2016. A Saúde de Catadores/catadoras de materiais recicláveis. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias de Saúde, FCEUnB